ANO I — GUIMARÃES—(Segunda quinzena)—JULHO DE 1923 — N.º 15

Pro Vimarane

ADMINISTRADOR:
AURELIO FERRA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA 31 DE JANEIRO, 42—GUIMARÃES

REDACTOR:
JOSÉ FELIZ DA SILVA E SOUZA
SECRETARIO DE REDACÇÃO:
JOÃO S. S. RIBEIRO

PROPRIEDADE DO GRUPO *Pro Vimarane*
Composição e impressão *Tipografia Lusitania*
RUA GRAVADOR MOTAZINHO, 45 — GUIMARÃES

A Morte acaba de ferir o coração da Patria, arrebatando-lhe cruelmente o seu mais glorioso e extraordinario poeta — Guerra Junqueiro.

A potentissima fonte de Luz, de Vida e Amor, que a chama lampejante e luminosissima do seu genio fazia irradiar em reverberos de oiro e claridades de luar purissimo, secou, perdeu-se...

A Patria Portuguesa deplora neste momento a perda irreparavel do seu Cantor, do seu Lirico, do seu Poeta Maximo, indubitavelmente o mais alto representante espiritual da Raça Latina.

E, porisso, chora, envolta em crepes, sobre a lapide do seu tumulo as mais pungentes e sentidas das lagrimas.

Portugueses! Chorai o eclipse do Astro, do Sol radiante que iluminou, quasi um seculo, o nosso Portugal!

Chorai, sim!

Mas que as vossas lagrimas orvalhem todas as paginas da sua Obra gloriosa e imortal!

—oo—

O nosso brado foi ouvido. O nosso *Grande Senhor* mandou substituir um poste—mas só um —daqueles que tinha mandado pôr ha dias na rua de Paio Galvão.

Porque não substituiria os outros dois que estão mais adeante?

Supômos que será para harmonisar com a guarita do *empregado da Camara* — saliente-se — que está a pedir fogo, o que já tarda muito.

—oo—

Lêmos na correspondencia de Guimarães para o «Comercio do Porto», umas referencias bastante amaveis para o nosso jornal, que muito agradecemos.

Porém, num *dizem-me*, o ilustre correspondente pretende meter-nos á *baralha* duma questão já tratada por jornais politicos da terra, e que por isso mesmo e ainda por se tratar duma questão pessoal não quizemos tocar-lhe.

Não julgue, no entanto, o colega que nos propomos defender C. ou B.

Não. E para prova leia a colecção do nosso modesto jornal, que continua a ser trabalhado por rapazes sem vaidade e que atendem unicamente ao progresso de Guimarães.

REPISANDO

Nos dois numeros anteriores temos versado as Festas Gualterianas que se avizinham, e ainda hoje o fazemos, visto que pouco ou nenhum tempo temos para sobre elas escrevermos as ultimas palavras.

Sabemos que o entusiasmo cresce dia a dia, nos seus organizadores, e, que se sacrificios, trabalho e *dores de cabeça*, teem suportado — esse esforço engrandece-os pelo exito maravilhoso que preparam.

Se estes esforços são apreciados no seu justo ponto de vista, ha todavia a lamentar, não da parte desses grandes obreiros, que o são, mas da parte da Ex.ma Camara, o desleixo, a incuria e principalmente a muita pouca vergonha.

A Camara sabe perfeitamente que Guimarães não é só o Toural! Ou é?

Que vem a fazer-se daquela guarita imunda do Proposto? Se a vissem no meio dum campo chamar-lhe hiam outra coisa muito diferente!

E daqueles passeios indecentissimos que ladeiam a Avenida Nova?

Que vista faz o Jardim do Carmo no estado em que se encontra?

Que realce dão á vista dos forasteiros as casas e casebres imundos, onde a falta de uma caiadela se faz desde ha muito esperar? E repare em si tambem, excelsa Camara; repare, por favor...

E agora nós, senhores gerentes de hoteis, restaurantes e novos hoteis, ficamos álerta, para em face do vosso criterio e sensatez, fazermos os respectivos comentarios.

Se fôrdes comedidos nos vossos calculos financeiros e lucrativos, tereis contribuido para melhor impressão da nossa terra e das suas Grandes Festas.

NAS VARETAS DUM LEQUE

No Eden uma vez, era de madrugada
Zumbia numa rosa uma vespa doirada.

Satanaz, como sae da concha um caracol,
Tenebroso e escorrendo em purpuras de sol,
Sahiu alegremente a rir dentre o arvoredo,
Chegou ao pé de Deus e disse-lhe em segredo,
Em voz baixa ao ouvido.
Isto foi na manhã
Em que Eva devorou a celebre maçã.
E Deus disse ao Demonio:
— O' brejeiro, é preciso
Dar armas á mulher para que o homem peque... —

E Jehovah da rosa então fez um sorriso
E das azas da vespa o Diabo fez-lhe um leque.

GUERRA JUNQUEIRO.

E' inaudito que numa terra que se diz civilisada se consinta um certo numero de coisas. A estiagem tem sido tanta que a nossa Camara resolveu em sessão, fôsse permitido que as galinhas procurassem, nas ruas o sustento de que tanto carecem.

Passem Vossas Senhorias pela antiga rua de Santo Antonio e verão como as nossas amiguinhas depenicam á vontadinha, chegando até ás vezes a sustentarem lutas quasi gigantescas. Só pedimos mais um bocadinho de amor por este lindo torrão, e nada mais.

—oo—

OUTRA, e esta muito mais séria.

A Camara desta cidade consentiu que o concessionario da luz electrica procedesse ao levantamento dos cabos subterraneos para serem substituidos por fios de alta tensão que no ar atravessam a cidade em todas as direcções, pondo em grave risco a vida dos pacatos habitantes de Guimarães.

Seria isto um desafio do concessionario da luz, feito á cidade de Guimarães? Não, com certeza, porque s. ex.ª tem tanto amor á sua terra que só o *bem-estar dela* o preocupa.

—oo—

O Orfeão de Guimarães, convidado pela direcção da Associação Comercial, vai cantar na abertura da Exposição Industrial e Agricola, a realizar por occasião das grandes Festas da Cidade.

E' para louvar o gesto da rapaziada deste grupo coral, que para tudo que seja honrar a sua terra, põe incondicionalmente a sua dedicação ao serviço dela.

Abençoada mocidade que tão bem sabe compreender que *nem só de pão vive o homem*...

—oo—

O proximo numero do *Pro Vimarane*, vai sair bastante melhorado, com colaboração dos mais ilustres vimaranenses. Sairá por ocasioo das grandiosissimas Festas Gualterianas.

Será uma obra que ficará a relembrar o esforço de um grupo de autenticos vimaranenses — autenticos pelo grande amor que consagram á nossa terra—á frente do qual está a figura de trabalhador incansavel, João Rodrigues Loureiro.

Exposição Industrial e Agrícola

Exultemos Guimarães
Berço da Nacionalidade!
Uma Lapide solenisadora

LEMBRAM-SE de ver ahi na vitrine da casa «Hig Life», ao Toural, exposto um relicario em forma de coração, feito em cristais facetados, com embutidos de castanho e encrustações de metal?... Nele se continha terra de Sagres, terra onde o Infante D. Henrique visionou a rota dos descobrimentos maritimos, e terra de Guimarães, berço augusto do primeiro rei que foi o fundador da nacionalidade. Pois bem. Esse cofre-relicario foi levado ao Brazil e ali oferecido solenemente á colonia portuguesa, havendo o seu oferente, o artista Leal da Camara, exposto esse retalho da *terra-mater* de Portugal no recinto do pavilhão das industrias portuguesas, inaugurado na Exposição Internacional do Brazil. O que obteve de sucesso emocional a lembrança feliz de oferecer aos nossos patricios de alemmar a patria de Vera-Cruz que portugueses descobriram) esse cofre artistico com autentica terra, dos dois, por assim dizer pólos iniciais da nacionalidade, dizem-no os jornais do Rio que ocuparam paginas na descrição da ceremonia oficial da entrega. «*O relicario com a terra de Portugal*, escreve em parangona o grande diario «A Patria» que dali nos foi enviado, *recebeu hontem a visita de mais de 15 mil pessoas*». Outro periodico do Rio noticiava: «*Continua causando a mais profunda emoção, o relicario em forma de coração que trouxe Leal da Camara com terra de Sagres e terra de Portugal. Algumas pessoas choram comovidamente em frente das sagradas particulas da Patria distante outras beijam respeitosamente as dobras da bandeira em que assenta o riquissimo e artistico cofre. Muitos são aqueles que trazem flores como preito de saudade e de sentimento patrio.*» De entre montes de flores destacavam-se ramos com dedicatorias como estas: «*Diante de ti abençoada terra de Portugal, ajoelham-se comovidamente, os socios do Gremio Republicano Português*». «*A pequenina Julia Quintanilha de Vasconcelos, com um beijo á terra querida da sua Patria*». Ainda outro: «*A' terra querida dos seus avós com muito carinho*». ...E muitos mais ramos, flores soltas, vasos de mangericos, tudo trazido por grupos de crianças, deposto com unção por mãos patricias, como se em espirito e em verdade aquele cofre-relicario fôsse o proprio altar da Patria.

* * *

Escreve-me o artista admiravel que é Leal da Camara, dizendo que no promontorio de Sagres vão os elementos representativos da localidade mandar colocar ali uma lapide comemorativa da ceremonia do lançamento da terra ao cofre-relicario que os portugueses do Brazil receberam no pavilhão das industrias portuguesas (Exposição Internacional do Brazil).

Esta referencia ao facto que vai realizar-se em Sagres, desdobra naturalmente para o nosso lado esta interrogação que eu formulo: — *E o que fará Guimarães?*

Não sei o que os elementos oficiais serão capazes de fazer. Se eles tiverem a mesma falta de noção de beleza e de grandeza ideal que tiveram muitos da nossa terra (e até certa imprensa!) a ponto de haver desdenhado e alvarmente rido da generosa e patriotica iniciativa do relicario, certamente que nada farão os elementos oficiais. Se, porem, como é de supôr, sentirem o alto e amoroso significado do relicario que dois milhões de patricios acolheram religiosamente, por entre flores e bençãos de nostalgica saudade, ah! então fiquemos certos que não será sómente no promontorio de Sagres que uma lápide consagrará o facto, mas tambem Guimarães irá esculpir numa rocha do seu castelo roqueiro, a afirmação agora mais uma vez celebrada — *de que Guimarães é o torrão natal da patria portuguesa!*

Lembro que, a fazer-se alguma coisa, seria oportuno aproveitar a passagem aniversaria de 14 de Agosto, comemorativa da batalha de Aljubarrota, e onde definitivamente se vincou o nome da patria, o que seria mais um motivo para fazer despertar um maior amor á terra juntando-se assim á festa do trabalho, que vai de 4 a 30 de Agosto, esse numero de festa civica e patriotica.

A. L. DE CARVALHO.

Guerra Junqueiro

Sem querer discutir o valor social da obra de Guerra Junqueiro, pois não é este o momento azado para o poder fazer, eu vou unica e simplesmente encará-la pelo lado espiritual e estetico.

A poesia nacional que despontára com a aurora da Provença donde irradiaram os primeiros fachos de luz sobre a nacionalidade portuguesa, teve sempre e atravez os tempos, representantes ilustres e dignos de menção. De entre todos esses poetas, estrelas de primeira grandeza que brilham no firmamento da mentalidane portuguesa destaca-se a figura augusra e veneranda do Poeta da Imortalidade — Guerra Junqueiro.

* * *

Se a obra de Junqueiro pode e deve ser discutida, a verdade é que o seu valor como artista e cultor do verso ninguem lho pode negar. Apenas Camilo escrevera um dia no seu *Cancioneiro Alegre* que Junqueiro havia plagiado. Travou-se, como era natural, uma lucta entre os dois citados homens de letras, da qual saiu vitorioso Junqueiro. Não mais Camilo voltou a fazer afirmações tão gratuitas acêrca do genial autor da *Finis Patriæ*.

* * *

Nasceu Guerra Junqueiro em Freixo de Espada á Cinta, Traz os Montes, em 27 de Setembro de 1850. Morreu em Lisboa no dia 8 de Julho de 1923. Contava, pois, 73 anos incompletos. Iniciára a sua carreira com a publicação do livro *Duas paginas dos quatorze anos*, formado por um pequeno numero de quadras de reduzida importancia literaria. Foi esta obra publicada em 1864. Mais tarde, em 1866, aparece o poemeto *Misticæ Nuptice* que deixa transparecer o genio do seu autor, consolidado e firmado um ano depois, em 1867, com o aparecimento das *Vozes sem eco*. Em 1868 publica Junqueiro *O Baptismo do Amor*, acompanhado com uma apreciação de Camilo Castelo Branco. Em 1870 escreve *A Victoria da França*, referente ao desastre de Sédan. Em 1873 *A Espanha livre* em que canta e exalta a proclamação da republica no visinho reino. Junqueiro era, pois, um poeta social e politico, atento o meio e a época em que viveu. Mas, quando decorridos alguns anos e depois de 1873 Junqueiro lança a publico *A Morte de D. João*, o entusiasmo e a admiração pelo seu talento crésce, aumenta, divinisa-se. Todos o conheciam. Todos pronunciavam e seu nome, desde o rude cavador até ao eminente homem de letras.

Junqueiro era, diziam, o Poeta da Patria, o Poeta da Raça. Com o decorrer dos tempos o seu valor poetido torna-se cada vez maior a ponto de ser considerado o primeiro e o mais admirado de todos os poetas da actualidade. Não quero, repito, olhar a obra de Junqueiro atravez o prisma social, pois, se assim fôsse, teria de modificar as minhas considerações aqui expostas resumida e laconicamente. Quero apenas, neste momento solene e mistico, em que as letras patrias feridas por tão acerba dôr, não olham e adoram, antes desprezam os restos mortais do autor dos *Simples*, apresentar o meu protesto, veemente e sincero, contra os letrados da Minha Patria. O corpo inanimado do Poeta que repousa na Igreja da Estrela, estaria ali abandonado se a minha geração, postas de parte as retaliações politicas que a podiam dividir, não fôsse ali numa romagem enternecedora e crente prestar o ultimo adeus Aquele que parte, mas não morre:

. . . . . .
O Poeta nunca morre embora seja agreste
A sua inspiração e tristes os seus versos!

Quebraram-se as cordas da lira de Junqueiro.
Morreu o genio; ficou a obra.

Coimbra, 10-VIII-923.

B. CALDAS.

N. da R.— Este artigo é o primeiro de uma série de artigos que o nosso distinto colaborador, Sr. Bento Caldas, vai escrever sobre o mesmo poeta, e que o nosso jornal publicará.

FARRAPOS D'ALMA

(Carta a uma mulher)

«a Dôr é feita de Silêncios».

. . . . . .

Perguntas C..., num tom de amarga ironia, se eu te não conheço já, se em mim não vive ainda a recordação — mil vezes querida! — duma infância travêssa que juntos passáramos, e relembras--cruel que és!—quando, no regresso da escola, nós, loucamente, os livros abandonados, de mãos dadas corriamos atraz das mariposas doiradas pelos prados floridos da nossa aldeia alegre...»

E queres, com estas perguntas, que me ferem a alma e que revelam bem o desconhecimento profundo que tens do mundo moral, que justifique o meu silencio, quando ora por mim passas...

Pois como pode ter-se extinguido em mim essa recordação — se de recordar o Passado eu vivo!! O Passado — essa distante aurora saudosa que ilumina ternamente a minha pobre alma de pária sofredor!

Louca! Respeita a minha Dôr, a minha grande Dôr, e ouve:

«Não existe *hoje*, nem *amanhã*.

nas ressonâncias poderosas da memória, o que existe é *sempre*. O que deixa de sentir nunca sentiu! Há duas memórias: a dos sentidos, que se gasta com os sentidos, e que deixa perder ás coisas perecíveis, e a da alma, para a qual o tempo não existe, o que revive ao mesmo tempo em todos os pontos do passado e do presente da sua existencia» ..... «o tempo só tem poder sôbre as horas e não sôbre as almas».

Depois:

«A Dôr não chora, a Dôr não ruge, não blasfema, não se confessa. Noite de luar tranquilo, imobilidade, passividade, eternidade—*a Dôr é feita de silêncio*.

Compreendes?

. . . . . .

Um equivoco, que só a tua incompreensão fez nascer, separou-nos um dia. E eu com a alma triste, o coração sangrando da mais intensa dôr parti—olhos fitos na amplidão dos céus, silenciosamente apaixonado, errando ao acaso por estradas êrmas, pisando da terra ingrata as areias que meus pés ensangüentavam...

. . . . . .

Anos volveram...; e,

«Como ave que volta ao ninho antigo,
«Depois dum longo e tenebroso inverno,

voltei, também, a aquêcer-me na chama revivescente dos afectos que a esperança duma santa vèlinha atiçava ainda, apesar dos seus muitos anos e da brancura de neve dos seus cabelos.

Foi então que casualmente soube—oh ironia!—dos teus amores com o homem a quem, por um desgraçado e caprichoso equívoco—só por isso!—dedicáras os teus afectos, imolaras os teus sentimentos, esmagando, assim, tam impiedosamente, os códigos sacrosantos do amor mais puro...

Chorei-te, lastimei-te... E mais uma vez pensei fugir para as regiões do Esquecimento, indo esconder longe do mundo, avàramente este amor sublime, grande, nobre e santo, e que Tu não souberas ou não quizeras compreendê-lo... Foi então que em meu peito se gerou esta dôr que me consome e tortura, a ponto de quasi te odiar...

Curvado, porém, ao peso dos desenganos fatais, senti as forças exauridas...; e como um fanático que adormecesse sob a lágea dos ideais perdidos, fiquei a velar a Tua Sombra ingrata, para sempre imerso nesta solidão moral, que Tu, sacrilegamente, agora vieste perturbar, esquecendo que neste peito rebelde ainda pulsa um coração humano!...

ALBERTO DE MACEDO.

CASA EUGENIO & MARTINS

Joaquim Carvalho Bastos, participa ao publico em geral, e em especial aos freguezes deste estabelecimento, que o tomou de trespasse onde estará para receber o favor da sua visita o que antecipadamente agradece.

Exposição Industrial e Agricola

Conversando intimamente

E' assim, é agitando o pendão do trabalho num chamamento de fôrças que se organiza uma parada de respeito e de valor, nos multiplos aspectos de produção, de progresso, de iniciativa e de adiantamento social

A luta vem de longe, a luta de prosseguir na conquista de bem longe levar o nome de Guimarães, pelo esfôrço de trabalho e capricho de vontades, por entre os ínos bem unidos das rudimentares costumeiras do labor primitivo cantados nas bigornas dos cuteleiros, nas rodas dançantes dos oleiros, no grosar pesado dos surradores e no castanholar dos teares de produção quasi obscura e reduzida.

E o lutar não enfraqueceu. e Guimarães em 1884 colheu o primeiro loiro de conquista e abriu ao futuro as ásas promissoras da sua aspiração. Subiu alto e firmou-se na consideração do País.

Desde então Guimarães tem caminhado prosperamente na iniciativa e progresso industriais, tem desenvolvido o seu comercio, tem defendido o seu nome, tem afirmado o seu valor, sem que todavia tenha conquistado vantagens, tenha recebido utilidades, tenha despertado atenções e carinhos dos homens que mandam, dos poderes que governam.

E a riqueza produz-se aqui, num sirandar de actividade em unido esfôrço de trabalho, sem esbanjamentos, não havendo refregas nem pendões de revolta que paralisem o movimento de acção criadora.

Trabalha-se sempre.

E a Guimarães faltam desgraçadamente muitas coisas que poderiam convergir para o seu desenvolvimento industrial e comercial. coisas emfim que poderiam dar um aspecto de reveladora evolução geral á terra de Guimarães, que é na essencia primitiva do atraso a mesma terra esquecida de sempre e desprezada por todos.

Não recebeu ainda a nossa terra a coroa de gloria como prémio do muito que produz em riqueza

A rêde telefonica é o pomo de oiro com que lhe acenam de cima, mas que do encanto de a vêr fica a cegueira de tanto a ter visto... em sonho.

A estação telegrafo-postal, é o folar prometido que leva Guimarães a bajular os padrinhos que o prometem e sempre faltam.

A escola industrial, se avançou em comodidades de edificio, paralisa na cepa-torta das suas rudimentares condições de vida.

E o problema das estradas? E os electricos entre Guimarães e Braga?

E assim muita coisa por aí além, neste desprezivel cuidar do que é nosso.

Edificios publicos, cada um a cada canto, na masmorrice de prédios nojentos onde falta o ar, onde a luz não entra e onde a limpeza não chega.

E aos filhos endinheirados da terra, propriamente ha culpas que lhes cabem, pelo falhar de iniciativas que poderiam levar Guimarães a progredir desde que o aferrolhar não fôsse a maxima preocupação do seu pensar de sempre.

E tantas e muitas mais industrias ha por explorar no nosso meio, que poderiam trazer vantagens áqueles que ao sol puzessem o seu pé de meia enriquecido!

Onde uma tipografia modêlo, como a Minerva de Famalicão ou a do Cruz de Braga, capaz de ir longe em serviços e em trabalhos de tômo?

Onde uma Garage como a Electrica de Famalicão, com oficinas proprias e lugar para mais de 50 automoveis? E arrumar agora tanto carro que para aí vem pelas festas da cidade?

E Hoteis? E casas de espectaculos? E estabelecimentos comerciais dignos de nota e de observação como os ha nessas vilas circumvizinhas de Fafe, Povoa de Lanhoso e Famalicão?

Uma terra quanto mais rica tanto mais desleixada, avarenta e orgulhosa. Pela terra se revelam os seus filhos.

A obra mais importante dos ultimos tempos, é vê-la: fica ali na rua de Paio Galvão, prédio 2-A, uma chaminé moderna, verdadeira manifestação de arte popular, chaminé que fugiu do modelo abaùlado das muitas que pesam por esses dorsos das casas de Guimarães.

Um bocadinho de gôsto e inovação na arte simples de fazer chaminés.

E mais nada.

De resto, quartel general em Abrantes e tudo como dantes

A. BRAGA.

P. S. — *Rectificando: Quando dissemos no nosso ultimo artigo publicado neste jornal que o projecto dos arcos de festa aldeã do Largo da Republica do Brazil pertencia ao sr. capitão Pina, dissemos erradamente, agora o confessamos, porque de facto esse projecto pertence a um curioso adornador daldeia, seguindo todavia esses trabalhos sob a direcção daquele senhor.*

Desta informação, mal interpretada talvez, saiu o nosso engano de dizer e de informar.

Do sr. capitão Pina é o projecto de S. Francisco (Largo Prior do Crato), lado norte projecto lindissimo em alegoria ao Comercio, e a rua de S. Damaso.

Desfeito o engano, desculpado fica quem se enganou. O seu a seu dono. E ficamos todos bem.

A.

VIDA DESPORTIVA

Realisou se no passado domingo 8, o desafio que se anunciou do Vitoria Sport Club, desta cidade, contra o Sport Club de Vizela.

Quanto ao desafio, pelo nulo interesse que se verificou nem sequer lhe dispensamos duas palavras.

Queremos no entanto consignar aqui o nosso protesto veemente contra a forma como o garotio com o consentimento de alguem do grupo desta cidade, tratou os nossos visitantes, correndo os com apupos e pedradas.

Nós, que nos imposemos o encargo de velar pelo bom nome de Guimarães, temos o direito de exigir desses senhores mais um pouco de educação e lembrar lhes que somos duma cicade civilisada e não dum sertão africano.

Ahi fica o protesto.

Circumnavegação Aerea

Ha dias como noticiamos no nosso ultimo numero esteve nesta cidade o glorioso aviador Sacadura Cabral, fazendo propaganda da viagem, que ele de colaboração com o sabio Jago Coutinho, vae emprehender, á roda do globo.

Na brilhante e scientifica conferencia que realisou no nosso teatro, pediu ele para se constituir aqui uma grande comissão, presidida pela Camara Municipal, cujo fim seria angariar donativos para costear as despesas dum navio apoio de que necessitam para levar a cabo o seu projecto.

Que se fez já, para corresponder áquele pedido?

Que nós saibamos nada, absolutamente nada.

E' com profunda tristeza que registamos esta falta imperdoavel.

Sabemos perfeitamente que a cidade está demasiadamente sobrecarregada com subscriçõões, donativos, impostos, etc., mas isso não deve ser motivo para se deixar de organisar a comissão que esses dois herois e sabios portuguezes pediram pela bôca de Sacadura Cabral.

Quando mais não seja para dar uma satisfação, a eles e á nossa consciencia de patriotas.

***

Como anunciamos, abrimos hoje a subscrição no nosso jornal, onde receberemos qualquer donativo, por mais insignificante que seja

«Pro Vimarane» . . 10$00

2.500$000

Casa. Pretende alugar-se até esta quantia. Carta á Redacção ás iniciais G. S.

CASA BARBOSA

Ribeiro & Martins, Lim.da

R. da Republica, 132

GUIMARÃES

ESPECIALIDADE
EM CHÁ E CAFÉ

Deposito de vinhos gazosos de Anadia, de Lucien Beisecker, da especial manteiga Flor da Citania, de Moços de Ferreira, e do afamado café Gonçalves Costa, de Lisboa - - - -

Deposito de calçado

ALPIAS

RUA DA REPUBLICA, 78-82
Guimarães

Custa mais por par, mas muito menos por ano.

Um par faz um amigo

CASA

NEVES

LEITERIA DO LEITE

GUIMARÃES

Confeitaria e Mercearia

Chá e café. Vinhos, coguaes, champagnes e licores.

Azeite e fumeiro especial

Queijo da Serra, etc., etc

Casa Nun'Alvares

RUA DA REPUBLICA

GUIMARAES

Papelaria, livraria, objectos de piedade, tabacaria e miudezas.

Sempre novidades literarias

Fernandes Guimarães
& irmão, Successor

RUA DA REPUBLICA, 84 a 92

GUIMARÃES

DEPOSITO DA

Polvora do Estado

Vidraria, cristais e louças. Tintas, vernizes, cimentos, etc., etc.

Artigos para caçadores

AD HOC

«O SECULO» — (Guerra Junqueiro).

E demais ¿que custa a morte?
O que é que custa morrer,
Não havendo um laço forte
Para ao mundo nos prender?!

E depois ¿que importa ao mundo,
O ser que morre, que vai?
E' gota do mar profundo,
E no ar perdido um ai.

Espero anelante, ansioso,
Que a hora dê nos espaços;
Oh! como serei ditoso
De minha mãe entre os braços!

«ORAÇÃO AO PÃO» — (Guerra Junqueiro).

E cada homem, quer o rei, quer o mendigo
E' na seára de Deus um grão de trigo.

*

Homem!
. . . . . .
Pela verdade inteira
Dá o teu corpo ao baraço, ao cutelo e á fogueira!
Pela verdade, sem pezar
Teus filhos deixarás e deixarás teu lar!
. . . . . .
Beleza, Amor, Verdade,
Eis a Trindade,
Eis o teu Deus!
. . . . . .
E benditó serás na eterna paz,
Por que ao fechar os olhos teus,
Trigo de Deus, absorto em Deus descançarás!...

O MONSTRO ALEMÃO—(Guerra Junqueiro).

O artista e o santo geram e vivem o amor.

*

Triunfa no céu, porque da terra varada de dôr, inundada de sangue e orvalhada de lagrimas, brotam lirios de fé, lirios de chama, das campas nascem cruzes, das bocas voam preces, os joelhos dobram-se, as almas rezam, e, cheias de infinita angustia, só encontram em Deus — infinito amor, a infinita paz!...

EDITH CAVELL—(Guerra Junqueiro).

A dôr, exaltando-a e sublimando-a, tornou-a heroica e fê-la santa.

*

E no infinito de Deus, na insondavel paisagem da eternidade, emquanto que a alma gloriosa da martir brilhava em estrela espiritual da constelação edénica dos anjos, a Alemanha rútila e soberba, a Alemanha ovante e formidavel, com todas as chamas do seu orgulho e todo o esplendor do seu imperio, não era mais do que um montão de larvas negras, de embriões de loucuras e de crimes, de fermentos sacrilegos, satánicos...

A TENTADORA

120, RUA DA REPUBLICA, 122 e 124

Bernardino Almeida & Costa, Limitada

Fazendas brancas, Modas e Miudezas. Especialidade em bordados de Guimarães. Camisaria, Gravataria e Perfumarias.

SEMPRE NOVIDADES

CASA PENHORISTA VIMARANENSE

Emprestimos sobre valores

PEIXOTO, ROCHA & C.ª

RUA DA REPUBLICA — GUIMARÃES

Lusitania

João Pereira da Costa

41—RUA GRAVADOR MOLARINHO—47

GUIMARÃES

Livraria, Papelaria, Objectos de escritorio, Tabacos, Miudezas.

Agencia da Companhia de seguros ATLAS.

Oficina modelar, onde com a maxima brevidade, se executam todas as obras concernentes á arte tipografica e encadernação.

Imprimem-se jornais, livros, relatorios, cartazes, facturas, memorandums, cartões, etc., etc.

Redacção e administração do jornal «*Ecos de Guimarães*», orgão monarquico de maior tiragem e circulação desta cidade.

PRO VIMARANE

CASA DUARTE

LANIFICIOS

Tecidos de algodão nacionais e estrangeiros

ARTIGOS DA MODA

Delegação da Companhia de Seguros

INDEMNISADORA

R. 31 de Janeiro, 33 a 37

GUIMARÃES

Vago

Vago

Antonio de Araujo Salgado

RUA 31 DE JANEIRO

GUIMARÃES

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS.

LIQUIDAÇÃO DE TODOS OS ARTIGOS DA ESTAÇÃO DE INVERNO.

ARMAZEM

— DE —

Tecidos de Algodão

— DE —

JESUS & C.ª, LIMITADA

VENDAS POR JUNTO

44 R. Trindade Coelho—46

GUIMARÃES